António Vieira e Fernando Pessoa: A palavra como ação

António Vieira and Fernando Pessoa: The word as action

Saulo Gomes Thimóteo *
Universidade Federal da Fronteira Sul

Resumo

Na obra do padre António Vieira, há um contínuo chamado à ação por meio da palavra, uma vez que sua obra se compõe de peças de persuasão, construídas de modo arquitetônico em torno de um argumento. No texto *História do futuro*, por exemplo, a sua profecia do Quinto Império português recorre à Bíblia e a personalidades históricas, buscando convencer o leitor do grandioso destino de Portugal. Fernando Pessoa, por sua vez, evocando a efígie vieiriana, em *Mensagem*, constrói-se como intérprete dos símbolos portugueses, que revelam o valor do passado histórico e a força futura em gérmen. Com isso, ambos os autores se tornam criadores de mundos de palavras, com poder de agir sobre os leitores e sobre o próprio mundo.

Palavras-chave: Quinto Império; *História do Futuro*; *Mensagem.*

Abstract

In the father António Vieira work, there is a permanent call to action through the word, once that is compounded by persuasion pieces built in an architectonical manner around an argument. In *History of the future*, for instance, his Portuguese Fifth Empire prophecy resorts to the Bible and to historical personalities, seeking to convince the reader of the Portugal's mighty destiny. Fernando Pessoa, by his turn, evoking the Vieirian effigy, in *Message*, stablishes himself as an interpreter of the Portuguese symbols, with reveal the historical past value and the future force in germ. Therefore, both authors became the creators of worlds made of words, with power to act upon the readers and upon the world itself.

Keywords: Fifth Empire; *History of the Future; Message*

● **Enviado em: 22/08/2016**
● **Aprovado em: 21/11/2016**

* Professor adjunto da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – campus Realeza/PR. Coordenador do projeto de pesquisa "A lógica arquitetônica nos sermões do padre António Vieira", desenvolvido ao longo de 2015.

"Todos os caminhos vão dar à ponte quando o rio não tem nenhuma."
(Fernando Pessoa – *Portugal entre passado e futuro*)

O jogo dos tempos, no plano da literatura, é algo que se pode desenvolver em direções opostas. Pode-se cantar as tradições passadas, rememorando o que já foi e evocando as mensagens que daí advêm. Pode-se, também, projetar os caminhos futuros, vislumbrando ações a serem feitas e convocando o leitor a tomar parte no que se pretende realizar. Por certo que uma opção monológica por uma dessas vias é algo difícil de se realizar, pois o autor entretece o passado e o futuro no presente que sua obra emana, e constrói cenários, situações e personagens que não mais dizem respeito unicamente ao seu momento histórico de produção, mas também se reportam a um "tempo atemporal".

Na língua hebraica, existem duas palavras que, munidas de um sentido altamente simbólico, ilustram o jogo acima mencionado. A primeira, *Zachor*, pode ser traduzida como o imperativo "lembre-se!". Reside aqui a ideia de que cada indivíduo deve se conectar intimamente à memória das gerações anteriores e, especialmente, dos sofrimentos e lutas por que passaram para que se chegasse ao momento presente. A segunda, *Kadima*, significa "andar para frente", e propõe um avanço constante e progressivo. Na associação entre elas, pode-se observar que há um poder propulsor da palavra que intenta trazer consigo o passado e avançar para o futuro.

Logicamente que todas as literaturas se desenvolvem nesse duplo movimento – tão certo quanto o próprio ser humano dividir-se entre a nostalgia e a projeção –, mas um dos povos que mais atrela os seus tempos a uma espécie de vocação lírica e evocatória é o povo português. As palavras postas em hebraico encontram correspondentes na língua portuguesa: no primeiro caso, a espécie de palavra-síntese portuguesa que é "Saudade"; no segundo, a prospecção do "Destino", em sua face eternamente por cumprir. Contudo, nessa correspondência, perde-se algo da força-motriz inerente ao sujeito, perceptível nas palavras hebraicas, transparecendo uma espera imóvel nas palavras portuguesas, com a saudade ansiando um tempo outro e o destino como uma entidade que virá por si mesma. Em "Portugal como Destino", Eduardo Lourenço aponta: "Só numa cultura intrinsecamente mística que coloca na ressurreição e, por conseguinte, no futuro o tempo que, resumindo todos os tempos, lhe dá sentido é que uma espera messiânica, real ou simbólica, como a que o sebastianismo encarnou em Portugal, é compreensível."[1]. E se o sebastianismo se torna, desde

[1] LOURENÇO, Eduardo. "Portugal como Destino". In: *Portugal como destino seguido de Mitologia da Saudade.* Lisboa, Gradiva, 1999, p. 20.

o século XVII, o braço salvador a resgatar Portugal – percebendo que, nessa inclinação messiânica, a redenção do povo está num elemento externo –, dois autores que, cada qual a seu termo, utilizam-se de uma força mista de resgate passado e busca futuro são o padre António Vieira (1608-1697) e o poeta Fernando Pessoa (1888-1935). O primeiro, não somente em seus sermões, mas também em sua obra profética, assegurara, à época, que era chegado o tempo de Portugal cumprir seu fado e que era necessário buscá-lo ativamente. O segundo, distante do primeiro por quase três séculos, percebe que tal chamado retórico não se concretizou, mas ainda vislumbra possibilidades de uma redenção portuguesa.

Assim, tanto nos volteios proféticos da *História do futuro* vieriana, quanto na proposta simbólica da *Mensagem* pessoana, o que se pode depreender de ambos é um reiterado *call to arms* de seu leitor, no sentido peremptório da palavra tornar-se ato. Conforme comparação dos dois autores, a professora Luísa Medeiros, no verbete "António Vieira" do *Dicionário de Fernando Pessoa e do modernismo português*, aponta:

> Em ambos encontramos a conciliação entre o idealista utópico e o homem de acção, o fervor patriótico de homens comprometidos com a pátria, o virtuosismo da expressão, a primazia da razão, a fluidez de fronteiras entre o puro jogo de raciocínio e a convicção profunda, o interesse pela profecia e a "certeza" de Portugal ter uma missão a cumprir.[2]

Por certo que se deve levar em conta a distância temporal e contextual entre os séculos XVII e XX, da mesma forma que as motivações do jesuíta para buscar a ascensão portuguesa à condição de Quinto Império não possuem a mesma intensidade e *raison d'être* do simbólico Quinto Império pessoano. Mas o que se sobressai, com relação à construção textual, é a admiração de Fernando Pessoa pela escrita vieiriana. Isso se pode perceber, inclusive, em texto não datado, em que o poeta afirma: "António Vieira é de fato o maior prosador – direi mais, é o maior artista – da língua portuguesa."[3]. Vale apontar que tal conexão se constrói a partir de um elemento especial: uma vez que Pessoa, como leitor e evocador constante da tradição cultural portuguesa, não se poderia irmanar a Luís de Camões (pois como associar-se à figura que se queria suplantar?), a alternativa, tão valorosa quanto, foi o padre António Vieira, possuidor de uma arquitetura retórica, de uma amplidão alegórica e das mais elevadas estratégias argumentativas de persuasão. No presente artigo, portanto, busca-se observar o

[2] MEDEIROS, Luísa. "Padre António Vieira". In: MARTINS, Fernando Cabral (coord.). *Dicionário de Fernando Pessoa e do modernismo português.* São Paulo, Leya, 2010, p. 895.

[3] PESSOA, Fernando. *Obra em prosa.* Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1995, p. 343.

jogo simbólico efetuado por Vieira em *História do futuro* e como isso reverbera no pensamento de Pessoa e como elemento evocativo em *Mensagem*.

1. António Vieira: dedução e indução dos sinais

A *História do futuro* é uma obra que, a rigor, são três: 1) é uma espécie de "ampliação" do texto *Esperanças de Portugal*, dirigido ao Bispo do Japão, D. André Fernandes, em que se pretende associar o rei, já falecido, D. João IV à figura sebastianista do Encoberto, usando como recurso as trovas com cunho profético feitas por um sapateiro no século XVI[4]; 2) embora incompleta e só sendo publicada postumamente (para além do "Livro anteprimeiro", somente duas das sete partes de que constam no projeto vieiriano para o livro foram mais amplamente desenvolvidas), a *História do futuro* ampara-se, preponderantemente, nas profecias bíblicas de Daniel, de Isaías e de São João, bem como nas trovas do Bandarra, para revelar que o Quinto Império (o último e maior) será o Império Português; 3) após o término de seu processo junto à Inquisição, Vieira utiliza-se de elementos da *História do futuro* para dedicar-se a um novo (e derradeiro) projeto, intitulado *Clavis prophetarum*, e que, além de pretender-se a "chave dos profetas", buscava atingir o Mundo todo, sendo, por isso, redigida em latim.

Como essa síntese aponta, a obra profética de António Vieira era algo em que o padre muito se esmerou, chegando a menosprezar os próprios sermões, conforme carta datada de 1696: "Estando eu em Lisboa todo aplicado à obra [*Clavis prophetarum*], a força de Castela e Portugal ma tiraram das mãos, querendo que, em lugar de palácios altíssimos, me ocupasse em fazer choupanas, que são os discursos vulgares que até agora se imprimiram"[5]. No que toca à *História do futuro*, tal empenho se percebe na busca por desenvolver um pensamento lógico e associativo que atrele as profecias aos fatos que se desenvolveram em Portugal e que, *a priori*, desenvolver-se-iam no "futuro". Da mesma forma, pode-se perceber que as circunvoluções argumentativas que se desenvolvem na *História* intentam-se muito mais profundas, trabalhadas e alicerçadas num raciocínio lógico do que as desenvolvidas em seus sermões (embora também aqui contem com grande profundidade).

[4] O sapateiro é Gonçalo Anes, por alcunha o Bandarra, semianalfabeto, mas hábil compositor, que, por volta de 1540, constrói trovas sobre o futuro destino de Portugal. Ao que o padre António Vieira postula, no início de *Esperanças de Portugal*, um silogismo a ser provado: "O Bandarra é verdadeiro profeta; O Bandarra profetizou que el-Rei D. João o 4º há-de obrar muitas cousas que ainda não obrou, nem pode obrar senão ressuscitando; Logo, el-Rei D. João o 4º há-de ressuscitar". Em BESSELAAR, José van den. *António Vieira***:** profecia e polêmica. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2002, p. 49.

[5] VIEIRA, António. *Obra completa:* Cartas de Lisboa: Cartas da Baía. São Paulo, Edições Loyola, 2014, t. I Epistolografia, vol. IV, p. 516.

O plano vieiriano para o livro principia com o chamado "Livro anteprimeiro", que funciona como uma espécie de anúncio e autodefesa. Nele, explicam-se as utilidades e as virtudes que tal livro traz, da mesma forma que antecipa e responde a possíveis argumentações contrárias. Levando-se em conta toda uma série de exercícios proféticos que a humanidade desenvolveu (Oráculos, astrologia, nigromancia), Vieira aponta a necessidade que o ser humano tem de conhecer "a notícia dos tempos e sucessos futuros"[6], sendo que tal busca acontece, inclusive, no próprio corpo. Com relação à quiromancia, o autor analisa:

> Em um mapa tão pequeno, tão plano e tão liso como a palma da mão de um homem, inventaram os quiromantes não só linhas e caracteres distintos, senão montes levantados e divididos, e ali descrita a ordem e sucessão da vida e casos dela, os anos, as doenças, os perigos, os casamentos, as guerras, as dignidades e todos os outros futuros prósperos ou adversos: arte certamente merecedora de ser verdadeira, pois punha a nossa fortuna nas nossas mãos.[7]

No sentido ambivalente proposto na conclusão, reside a tônica defendida por António Vieira: o destino pode estar delimitado (previsto), mas é necessário ir até ele; não basta ter ciência, é preciso agir[8]. E como método de que tal ação sobre a palavra se prove e realize, o jesuíta entretece ao seu discurso, como forma de fortificar seus argumentos, citações provenientes de todos os livros da Bíblia – podendo conciliar o verso de um Salmo com um trecho do Apocalipse e com um pensamento de Cristo nos Evangelhos –, a filosofia platônica e aristotélica, obras literárias como *Os Lusíadas* e as crônicas medievais, enfim, toda uma gama de discursos outros que confluem na sua torrente.

Dessa forma, o raciocínio de António Vieira pretende, a partir dos signos e das palavras colhidas de toda fonte, transmitir a vida neles presente. Segundo Eduardo Lourenço, "na lógica profética de António Vieira importa tanto a temporalidade sincrónica dos acontecimentos como a capacidade de os usar para fins, na lógica ordinária, inconciliáveis"[9], ou seja, o seu método argumentativo produz tal enredamento que se torna uma espécie de indução dedutiva, por via da força persuasiva. No método indutivo, busca-se discernir, com base em experiências e exemplos passados, uma previsão, mesmo especulativa. E Vieira, ao

6 IDEM. *Obra completa:* História do futuro. São Paulo, Edições Loyola, 2015, t. III Profética, vol. I, p. 63.

7 IDEM. *Ibid,* p. 65, sublinhados nossos.

8 A título de exemplo, pode-se apontar o *Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda,* em que se produz o exercício de chamar a Deus para que defenda os portugueses, com o intuito de insuflar o próprio povo a defender-se. Ou ainda a distinção feita entre a palavra e a ação, no *Sermão da Sexagésima*: "Para falar ao vento, bastam palavras; para falar ao coração, são necessárias obras.". Em VIEIRA, António. *Obra completa:* Sermão da Sexagésima e Sermões da Quaresma. São Paulo, Edições Loyola, 2015, t. II Parenética, vol. II, p. 54.

9 LOURENÇO, Eduardo. "Portugal como Destino". In: *Portugal como destino seguido de Mitologia da Saudade.* Lisboa, Gradiva, 1999, p. 22.

usar das profecias bíblicas, ao usar de personalidades históricas, o faz de modo tão concatenado que se mascara a indução em dedução, elaborando "provas" antigas a confirmar as profecias futuras.

Em meio à panóplia de exemplos existentes na *História do futuro*, dois aqui se apresentam como de alto poder persuasivo, não somente em sua significação simbólica, mas também no seu modo de arquitetura textual: a associação entre Alexandre Magno e D. Afonso Henriques; e a primeira profecia de Daniel, aplicada ao contexto português.

Na apresentação do primeiro exemplo, enaltecendo a figura de Alexandre, o Grande, António Vieira o faz de modo escalonado e grandioso: "(...) era o maior capitão que criou a natureza, formou o valor, aperfeiçoou a arte e acompanhou a fortuna; mas, se não fora ajudado da profecia, nem ele se atrevera ao que se atreveu, nem obrara e levara ao cabo o que obrou."[10]. Além da prestidigitação frasal aqui proposta – com o hipérbato invertendo os sujeitos e os verbos na primeira parte da citação –, deve-se observar a ênfase na questão do auxílio que as profecias garantiriam ao conquistador. Para Vieira, a concretização das profecias reside, principalmente, na certeza de que elas se realizarão. É como se o indivíduo (ou povo), com o futuro nas mãos previsto, praticasse as ações que o confirmariam, tornando-se o futuro nas mãos feito. Dessa forma, o valor das profecias reside, concomitantemente, ao elemento propulsor e ao desfecho conquistado. Conforme o próprio jesuíta aponta sobre o rei da Macedônia, nessa perspectiva, o conquistador tinha a vida e suas ações "(...) firmadas por uma escritura de Deus, e ao mesmo Deus por fiador de sua palavra e promessas, fé era e não audácia, confiança e não temeridade, empenhar-se Alexandre nos perigos para conseguir as empresas, e dar exemplo de desprezo da vida a seus soldados para os animar às vitórias."[11]. António Vieira intenta mostrar, com a cena, um exemplo histórico (embora com ares míticos) de como a confiança, ou melhor, a fé torna-se fundamento para que se conquiste aquilo que já estaria escrito.

Na sequência, por meio de uma comparação ilustrativa, passa-se a D. Afonso Henriques e à Batalha de Ourique (ocorrido na vitória "milagrosa" contra cinco reis mouros, em 1139). Mas, como a *História do futuro* é escrita para atestar que Portugal será o maior dos Impérios do Mundo, tal episódio torna-se mais importante e elevado que os de Alexandre, o Grande. O primeiro ponto apresenta-se quando, ao invés de ser um sacerdote quem interpreta as profecias de Daniel para o rei macedônico, é o próprio Cristo quem aparece ao futuro rei

10 VIEIRA, António. *Obra completa:* História do futuro. São Paulo, Edições Loyola, 2015, t. III Profética, vol. I, p. 95.

11 IDEM. *Ibidem*, p. 98.

português dizendo: "*Vinces, Alphonse, et non vinceris*"[12]. Sob tal influência, António Vieira constrói um discurso grandiloquente:

> Socorrido o animoso capitão e fortalecido o pequeno exército com esta promessa do Céu, sem reparar em que era tão desigual o partido, que para cada lança cristã havia no campo cem mouros, resolveu intrepidamente de dar e presentar a batalha. Na manhã pois da mesma noite em que tinha recebido a profecia, acomete de fronte a fronte o inimigo, sustenta quatro vezes o peso imenso de todo o seu poder, rompe os esquadrões, desbarata o exército; mata, cativa, rende, despoja, triunfa; e alcançada na mesma hora a vitória e libertada a pátria, pisa glorioso as cinco coroas mauritanas e põe na cabeça (já rei) a portuguesa[13].

A expressividade simbólica arquitetada pelo padre Vieira evoca tanto o valor épico, cantado por Camões, quanto o valor narrativo, relatado nas crônicas de Fernão Lopes, e intenta funcionar como resgate do passado de glórias (*Zachor*) e como energia potencial do futuro de vitórias (*Kadima*). Com isso, observa-se que "o engendramento do discurso de António Vieira não obedece a uma ordem transitiva de causa a consequência, mas a uma ordenação estelar, em que a palavra se apresenta como o centro de uma constelação donde irradiam correspondências e conexões, segundo um raciocínio analógico."[14]. Como os florões presentes nas igrejas barrocas, em que de um ponto central se vão desdobrando múltiplos desenhos em equilíbrio geométrico, a *História do futuro* parte da premissa de Portugal como Quinto Império e principia a adornar de exemplos e argumentos. O episódio supracitado de D. Afonso Henriques encerra-se com a enumeração (também comumente elaboradas em seus sermões) de uma série de questionamentos cujo intuito é demonstrar como os portugueses, em análise histórica, conquistaram e estenderam seu Império mais do que Alexandre: "Que perigos não desprezaram? (...) Que trabalhos, que vigias, que fomes, que sedes, que frios, que calores, que doenças, que mortes não sofreram e suportaram, sem ceder, sem parar, sem tornar atrás, insistindo sempre e indo avante mais com pertinácia que com constância?"[15]. Reside nesse estilo vieiriano uma fusão do jogo retórico da elocução, principalmente da ornamentação do discurso com os tropos e as figuras de linguagem, com o jogo narrativo-

12 "Vencerás, Afonso, e não serás vencido". A frase em latim foi criada pelo próprio António Vieira, para dar mais dramaticidade à história. Mas o milagre do campo de Ourique fazia parte do imaginário popular desde o final do século XII, pois ali seria "fundado" o reino português e aclamado o seu primeiro rei. Luís de Camões retrata a aparição de Cristo a D. Afonso Henriques na estrofe 45 do canto Terceiro de *Os Lusíadas*.

13 IDEM. *Ibidem,* p. 99.

14 MEDEIROS, Luísa. "Padre António Vieira". In: MARTINS, Fernando Cabral (coord.). *Dicionário de Fernando Pessoa e do modernismo português.* São Paulo, Leya, 2010, p. 895.

15 VIEIRA, António. *Obra completa:* História do futuro. São Paulo, Edições Loyola, 2015, t. III Profética, vol. I, p. 100.

descritivo da exemplificação (similar ao *dulce* horaciano), buscando persuadir o leitor da validade e da vivacidade de seus argumentos. Nesse caso, o fato de que o reino português foi incitado diretamente por Cristo e estendeu-se mais do que todos os impérios precedentes funciona como "prova" de que as profecias bíblicas se alinham com a premissa apresentada.

O segundo exemplo apontado – da profecia de Daniel, aplicada ao contexto português – é o argumento-chave no qual todo o livro acaba por se basear, tanto que o primeiro capítulo do "Livro Primeiro" da *História do futuro* intitula-se: "Mostra-se a Quinta Monarquia com a primeira profecia de Daniel". Tal associação será estabelecida por Vieira e obedece à conjunção dos tempos já mencionada – o que antes se profetizou, agora se revela e depois se cumprirá –, e o caminho encontrado é o da interpretação. Conforme Eduardo Lourenço observa, "o tempo da profecia não se regula pelos imperativos da temporalidade humana. Tudo nele são sinais e indícios. Portugal não é para ele uma nação como outra qualquer. É uma nação literalmente *eleita*."[16]. E tal eleição, que acompanha Portugal desde o milagre de Ourique, será confirmada na análise vieiriana do livro de Daniel, principalmente da primeira profecia, a partir do sonho de Nabucodonosor:

> O senhor teve uma visão na qual viu uma estátua enorme, de pé, bem na sua frente. A estátua era brilhante, mas metia medo. A cabeça era de ouro puro, o peito e os braços eram de prata, a barriga e os quadris eram de bronze, as pernas eram de ferro, e os pés eram metade de ferro e metade de barro. Enquanto o senhor estava olhando, uma pedra se soltou de uma montanha, sem que ninguém a tivesse empurrado. A pedra caiu em cima dos pés da estátua e os despedaçou. Imediatamente, o ferro, o barro, o bronze, a prata e o ouro viraram pó (...). Mas a pedra cresceu e se tornou uma grande montanha, que cobriu o mundo inteiro. [Dn 2, 31-35][17]

A descrição é altamente simbólica, e António Vieira articula no seu discurso tanto a explicação que Daniel dá ao sonho, quanto a indução necessária para que se anteveja o raciocínio para se chegar a Portugal. Razão essa pela qual, à ideia de que a estátua representa a sucessão do império do mundo, nas diferentes eras, o jesuíta efetua a seguinte conexão: 1) A cabeça de ouro é o Império dos Assírios, chefiados pelo próprio Nabucodonosor, o império da época de Daniel; 2) A prata do peito e dos braços representa o Império dos Persas, liderados por Ciro; 3) O ventre e os quadris de bronze associam-se ao Império dos Gregos, unificado por Alexandre, o Grande; 4) As pernas de ferro constituem-se como o Império dos Romanos, o império que Vieira estabelece como da sua época. Como estratégia de dar validade ao seu

16 LOURENÇO, Eduardo. *Portugal como Destino seguido de Mitologia da Saudade.* Lisboa, Gradiva, 1999, p. 20.

17 DANIEL. In: BÍBLIA Sagrada. Barueri, Sociedade Bíblica do Brasil, 2000, p. 889.

discurso, encerra atestando: "Este é o verdadeiro, certo e indubitável sentido da interpretação de *Daniel*, recebido, aprovado e seguido por todos os Padres e expositores deste lugar, em que não há discrepância nem dúvida alguma."[18].

É interessante notar que Vieira utiliza-se de outros dois expoentes para a associação das pernas e pés da estátua com o Império Romano, e cria uma ilustração prática para eles. O primeiro diz respeito às pernas da estátua que, para além de sustentar todo o peso e grandeza dos impérios precedentes, ainda se dividiram em duas partes iguais (Roma e Constantinopla). O segundo refere-se aos pés e dedos da estátua, que na profecia aponta-se como feitos de uma mistura de ferro e barro, justamente por conservar algo do "valor" ancestral, mas possuindo também uma debilidade e fraqueza. Mais do que isso, valendo-se de leituras de autores como Benedicto Perério, Vieira acrescenta que os dez dedos da estátua se referem aos dez reinos em que se divide o Império Romano[19], sendo alguns maiores e outros menores, uns mais fortes, outros mais fracos.

Ao final, reproduzindo a interpretação do profeta Daniel para a pedra que derruba e destrói a estátua, porém acrescentando termos para que melhor confirmem sua argumentação, surge a menção bíblica desse "novo e quinto império que o Deus do Céu há de levantar no mundo nos últimos dias dos outros quatro."[20]. As palavras em destaque não constam nas Escrituras, mas acabam por funcionar como uma mensagem subliminar de que Vieira continuamente insere, para que o leitor seja guiado na interpretação e no raciocínio pretendido e projetado. Assim, nesse encadeamento lógico, António Vieira se estabelece como artífice da palavra, que move mundos, personalidades e impérios como engrenagens que compõem a máquina da sua própria profecia do Quinto Império. Como se aponta no texto supracitado "Portugal como destino":

> Não há na cultura portuguesa discurso mais alucinatório e sublime que o de António Vieira. É a síntese arrebatada, mas simbolicamente coerente, de cinco séculos de vida colectiva vividos com a convicção arreigada – mas também culturalmente cultivada – de que a própria existência de Portugal é da ordem não só do *milagre*, como da *profecia.*[21]

---

18 VIEIRA, António. *Obra completa:* História do futuro. São Paulo, Edições Loyola, 2015, t. III Profética, vol. I, p. 442.

19 Os dez reinos mencionados são: Portugal, Castela, França, Inglaterra, Suécia, Dinamarca, Moscóvia, Polónia e Estado ou império do Turco, Alemanha e Itália.

20 IDEM. *Ibidem,* p. 447, sublinhados nossos.

21 LOURENÇO, Eduardo. *Portugal como Destino seguido de Mitologia da Saudade.* Lisboa, Gradiva, 1999, p. 21.

Eduardo Lourenço efetua a conexão do milagre de Ourique (ato fundador de Portugal) com a visão vieiriana desse Império do porvir. Assim se percebe que, munindo-se do sebastianismo, António Vieira articula a figura do "rei libertador" para D. João IV, depois para D. Teodósio, depois para D. Afonso VI, depois para D. Pedro II, ou seja, o malabarismo verbal e argumentativo vai adaptando o destinatário da sua profecia, mas o elemento constante e imutável é a certeza de que o reino português se cumprirá no futuro, não apenas como reino reconquistado do poder espanhol, mas como Quinto Império do Mundo. É o que assevera o próprio jesuíta, ao final de sua análise da profecia de Daniel:

> Depois dos três impérios dos assírios, persas e gregos, que já passaram, e depois do quarto, que ainda hoje dura, que é o romano, há de haver um novo e melhor império que há < de > ser o quinto e o último. Esta proposição é de fé, porque assim a lemos nas Escrituras; é de experiência, porque assim o mostrou o sucesso dos tempos; e é de razão, porque assim se infere por bom discurso.[22]

A partir dos alicerces da Fé, da História e, em especial, do seu Discurso, o padre António Vieira pretende persuadir o leitor (o rei e os nobres) da validade dos argumentos bíblicos e históricos arrolados por ele, o que, em essência, funciona como meio de incitar a chama de acreditar – ou voltar a acreditar – num destino grandioso para o povo português.

2. Fernando Pessoa: condução simbólica

Dois séculos após a *História do futuro*, Portugal ainda não se havia cumprido como Quinto Império. Ao contrário, durante o século XVIII as ideias iluministas viriam para suplantar a força dos jesuítas e mesmo a leitura de António Vieira, principalmente na figura de Luís António Verney e seu *Verdadeiro método de estudar*, que vincula o atraso português ao ensino religioso e jesuítico. No século XIX, acontece tanto a tentativa de refundar Portugal, e Almeida Garrett e Alexandre Herculano seriam dois dos intelectuais que buscavam uma espécie de historiografia cultural portuguesa, de resgate da tradição, quanto a crítica contumaz à "pasmaceira" e à nostalgia infrutífera, produzida por nomes como Ramalho Ortigão e Eça de Queirós. No século XX, por fim, com a instauração da República em 1910, observa-se que a aura do sebastianismo ainda figura no imaginário popular, resultando em governantes como o "Presidente-Rei" Sidónio Pais (a ser cantado por Fernando Pessoa),

[22] VIEIRA, António. *Obra completa:* História do futuro. São Paulo, Edições Loyola, 2015, t. III Profética, vol. I, p. 448, sublinhados nossos.

morto em 1918, e António de Oliveira Salazar, que instaura o Estado Novo em Portugal em 1933, perdurando por quarenta anos.

Fernando Pessoa, enquanto intelectual e artista, problematiza a questão do destino português em diversos textos, especialmente na esfera ortônima. No campo da prosa, podem-se observar os textos jornalísticos publicados na imprensa portuguesa entre 1916 e 1923, que se integram sob o título de *Portugal entre passado e futuro*. Na poesia, aponta-se o único livro em português publicado em vida, *Mensagem*. Por certo que são dois universos distintos, de um ponto de vista composicional e estrutural, mas ambos provêm do mesmo gérmen: de que história Portugal vem? E para qual destino vai?

O jogo de *Zachor* e *Kadima* novamente se insinua, mas se desloca para uma outra esfera: a da literatura e do símbolo. Se em Vieira os símbolos proféticos se desdobram em florões que buscam atingir a totalidade do destino português, em Pessoa o destino português está em reencontrar um símbolo, não necessariamente profético, mas de contínua expansão e imaterialidade. É isso que *Mensagem* estabelece, não apenas em seu título cifrado[23], mas nas próprias partes que a compõem: 1) o "Brasão" português, em que cada elemento possui um poema correspondente (os castelos, as quinas, a coroa e o timbre), remetendo a diversas personalidades histórico-mitológica inseridas na formação e consolidação de Portugal; 2) o "Mar português", com seus doze poemas (inclusive remetendo aos signos do zodíaco), consagra a *possessio maris*, e as conquistas portuguesas; 3) e "O Encoberto", que é, na superfície, D. Sebastião ressurgido, e na amplitude, a proposta de um novo sebastianismo, não mais arraigado numa nostalgia imobilizadora, mas sim na força movente que emana do poder do símbolo.

Segundo Yvette Centeno, no texto "Filosofia hermética na obra de Pessoa", "a divisão e interpretação que [a obra] nos sugere é de estrutura hermética, alquímica. E profética, pois na *Mensagem* o que se coloca é o mito do destino pátrio relido e actualizado em novas coordenadas: não as do mundo, como outrora, mas as da alma."[24]. Isso se denota em todos os poemas, principiando com a antropomorfização da Europa num ser feminino, com "O rosto com que fita é Portugal", e findando com o enaltecimento da necessidade de agir, em "Ó

[23] Para além do sentido explícito de ser uma comunicação, nota-se, com base em anotações do espólio pessoano, que há um processo altamente laborado nas significações desse título: se anteriormente o título seria "Portugal", Pessoa passou a "Mensagem" por possuir o mesmo número de letras (8), número da harmonia e representando a sua ligação com os Templários e a cruz templária, com oito pontas; dividindo a palavra e associando a expressões latinas, pode-se encontrar *mea gens* (minha gente), *ens gemma* (a origem do ser) ou, ainda, a altamente significativa, *"mens agitat molem"* (a mente movimenta a matéria), extraída de um verso da *Eneida*, de Virgílio. (cf. HIPÓLITO, 2014, p. 15).

[24] CENTENO, Yvette *apud* HIPÓLITO, Nuno. *As mensagens da Mensagem*. Lisboa, Parceria A M Pereira, 2014, p. 106.

Portugal, hoje és nevoeiro... / É a Hora!". É a grandiosidade da alma lusitana que Fernando Pessoa busca e é nela que intenta fundar o Quinto Império.

No texto *Portugal entre passado e futuro*, tal associação se estabelece na projeção da totalidade, apontando-se que o Quinto Império, o futuro da raça portuguesa,

> (...) é sermos tudo. Quem, que seja português, pode viver a estreiteza de uma só personalidade, de uma só nação, de uma só fé? (...) Conquistamos já o Mar: resta que conquistemos o Céu, ficando a terra para os Outros, os eternamente Outros, os Outros de nascença, os europeus que não são europeus porque não são portugueses. Ser tudo, de todas as maneiras, porque a verdade não pode estar em faltar ainda alguma cousa![25].

Assim, como justificativa teórica sobre o próprio processo de heteronímia, ampliado para todo o *modus vivendi*, o poeta modernista postula sobre o indivíduo múltiplo, que no coletivo gerará uma nação múltipla. E da mesma forma que Vieira se propunha a estimular a força e a coragem portuguesas, por meio de exemplos, volteios argumentativos e associações bíblicas, Pessoa postula uma ressurreição, não de um rei Esperado, mas do próprio Povo que se deve resgatar do marasmo em que se encontra. É nesse sentido que o poema "O Quinto Império" (o segundo poema da sessão "Os símbolos", integrando a terceira parte de *Mensagem*) incita à ação, uma vez que é no desassossego que ocorre a criação: "Triste de quem é feliz! / Vive porque a vida dura. / Nada na alma lhe diz / Mais que a lição da raiz – / Ter por vida a sepultura. // (...) Ser descontente é ser homem."[26]. Nesse sentido, Ulisses constitui-se como o mito fundador de Lisboa, Diogo Cão marca com seu padrão os avanços nas conquistas marítimas portuguesas e D. Sebastião é alçado a mito, tornando sua "loucura" na batalha de Alcácer-Quibir a necessidade de vencer-se aos seus próprios limites. São esses exemplos que ilustram os caminhos já trilhados. E, como contraponto, o pensamento pessoano vê Portugal num ponto de ruptura, na iminência de uma renovação espiritual:

> Estamos tão desnacionalizados que devemos estar renascendo. Para os outros povos, na sua totalidade eles-próprios, o desnacionalizar-se é o perder-se. Para nós, que não somos nacionais, o desnacionalizar-se é o encontrar-se. (...) Chegamos ao ponto em que coletivamente estamos fartos de tudo e individualmente fartos de estar fartos.[27]

O nacionalismo de Pessoa almeja-se como uma contínua busca, que atinge um tempo imaterial e inefável, não sendo o futuro propriamente, mas sim uma ação de caminhar à frente

25 PESSOA, Fernando. *Obra em prosa.* Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1995, p. 334.
26 IDEM. *Obra poética.* Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1973, p. 18.
27 IDEM. *Obra em prosa.* Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1995, p. 330.

com todas as gerações no sangue. Como Eduardo Lourenço observa, "o Portugal de Pessoa, como história, política e cultura, (...) deixou de estar num tempo digno desse nome, mas, como o Holandês Voador, continua a percorrer os mares e os tempos que foram seus para atingir uma *outra margem* de que a história foi apenas antevisão, 'esgar e assombro'"[28]. Fernando Pessoa encerra sua *Mensagem* com um chamado, "É a Hora!", bem como a expressão maçônica "*Valete, Fratres!*" – significando "despeço-me, irmãos" –, evidenciando que o término do livro é o início da ação do leitor.

Assim, a energia potencial gerada em *Mensagem* é transferida ao leitor como energia cinética, de movimento, no sentido de não mais ficar prostrado, vivendo de um passado glorioso irretornável e de um rei que não virá. Para Pessoa, o Quinto Império preconizado por Vieira não está nas mãos de um imperador, mas sim no conjunto formado pela soma de todos os indivíduos, como se nota, inclusive, num outro poema também intitulado *Quinto Império*: "Para a obra que há que prometer / Ao nosso esforço alado em si, / Convoco todos sem saber / (É a Hora!) aqui! // (...) Aqui! Aqui! Todos que são / O Portugal que é tudo em si, / Venham do abismo ou da ilusão, / Todos aqui!"[29]. A "convocação" pessoana mantém-se atuante na *Mensagem* num sentido muito mais alegórico do que de combustão, pois os poemas (nenhum excedendo cinco estrofes) pretendem-se como insígnias simbólicas sob as quais o leitor deve agir.

Diante do fato de que cada um dos quarenta e quatro poemas de *Mensagem* carrega consigo essa dinâmica, apontam-se dois deles que exemplificam não somente essa exaltação de uma figura como caminho possível ao símbolo transformador, mas também traçam a linha de invocação-condução do pensamento profético: os dois últimos poemas de "Os avisos", segunda sessão da terceira parte. A terceira parte, denominada "O Encoberto", divide-se em três sessões: "Os símbolos", como evocação do antes; "Os avisos", como suspensão do agora; e "Os tempos", como prenúncio do depois. Tanto a primeira, quanto a terceira possuem cinco poemas cada, a segunda, por sua vez, possui três, sendo que o poema central de toda essa terceira parte denomina-se "Segundo / António Vieira". Com isso, essa terceira parte surge como uma pirâmide, cujo topo é o pensador que mais fortemente luziu a chama do Quinto Império português e que também é descrito num aspecto de ascensão:

> O céu estrela o azul e tem grandeza.
> Este, que teve a fama e à glória tem,

[28] LOURENÇO, Eduardo. *Portugal como Destino seguido de Mitologia da Saudade.* Lisboa, Gradiva, 1999, p. 76.

[29] PESSOA, Fernando. *Obra poética.* Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1973, pp. 31-32.

Imperador da língua portuguesa,
Foi-nos um céu também.

No imenso espaço seu de meditar,
Constelado de forma e de visão,
Surge, prenúncio claro do luar,
El-Rei D. Sebastião.

Mas não, não é luar: é luz do etéreo.
É um dia; e, no céu amplo de desejo,
A madrugada irreal do Quinto Império
Doura as margens do Tejo[30].

As estrofes dispõem-se numa progressiva revelação, tanto da luminosidade, quanto do espaço que a contém ou da qual parte. Inicialmente, ao céu visível e infinito, Pessoa equipara a própria égide de António Vieira, elevando o jesuíta à categoria de Imperador, não do Quinto Império, mas da língua portuguesa. Nota-se que o espaço e o elemento luminoso reportam-se à mesma entidade, o próprio Vieira. No *Livro do desassossego*, Bernardo Soares/Fernando Pessoa postula que "Minha pátria é a língua portuguesa", contudo o que antecede tal axioma é o alto valor que o autor dá não a questões sociais ou políticas, mas sim à situação pessoal vivida, porque lembrada, da leitura de um texto de António Vieira, em que se deslumbra diante "[daquele] movimento hierático da nossa clara língua majestosa, [daquele] exprimir das ideias nas palavras inevitáveis, correr de água porque há declive, [daquele] assombro vocálico em que os sons são cores ideais"[31]. Por tudo isso, esse poema-homenagem se faz como coroação do real construtor desse império simbólico, até então somente antevisto, ou "avisado".

Na sequência ao céu vieiriano disposto na primeira estrofe, Pessoa acrescenta um novo elemento simbólico. Estabelece-se, então, um novo plano, pois António Vieira não é somente um firmamento metafórico, mas um espaço imenso de meditação, disposto como uma "ordenação estelar", para novamente usar a expressão de Luísa Medeiros. E nele surge, como "prenúncio" de todo o pensamento vieiriano, a figura-síntese da própria *Mensagem*: El-Rei D. Sebastião, o Desejado, por ser o último herdeiro português de D. João III; o Esperado ou o Adormecido, por seu desaparecimento na batalha de Alcácer-Quibir; e o Encoberto, pelo mito atribuído, em seu regresso na hipotética manhã de nevoeiro. Conforme Luísa Medeiros aponta, "esse tal Encoberto que levaria Portugal a constituir-se como Quinto Império, Pessoa não o via como Vieira na figura de D. Sebastião redivivo, "senão [na] substância que essa pessoa e o seu nome simbolizam", nem tão-pouco encarnado nesse tão esperado Messias (D.

30 IDEM. *Ibidem*, p. 20.
31 IDEM. *Livro do desassossego.* São Paulo, Companhia das Letras, 2006, p. 260.

João IV, para Vieira)."[32]. Assim, o elemento luminoso da segunda estrofe efetua o jogo simbólico a ser proposto por Fernando Pessoa, pois é um "prenúncio claro de luar", como uma impressão inicial, a ser revista na terceira estrofe.

Ao invés do luar, a origem da luz surge de lugar mais alto e mais sublime: do Etéreo. Produz-se, então, uma conexão entre esse campo mítico e as "águas do Tejo", tendo como força imanente a vontade vieiriana, manifesta no "céu amplo de desejo". Há, em todo esse cenário excelso proposto, a aspiração que provém desse aviso: "É um dia", a ser concretizado no futuro, quanto se tornar "É a Hora!". Ou seja, o poema se formula num devir, funcionando como a revisitação das esperanças de António Vieira para o Quinto Império.

Como complementação ao jesuíta, há outros dois avisos que Pessoa institui: "Primeiro / O Bandarra", em que a figura já mencionada por Vieira se torna a protoprofecia do espiritual império português; e "Terceiro", único poema não nomeado em toda a *Mensagem*, e que funciona como uma espécie de autoinsinuação, como se Fernando Pessoa se inserisse como terceiro aviso dentro do neossebastianismo proposto:

> Escrevo meu livro à beira-mágoa.
> Meu coração não tem que ter.
> Tenho meus olhos quentes de água.
> Só tu, Senhor, me dás viver.
>
> Só te sentir e te pensar
> Meus dias vácuos enche e doura.
> Mas quando quererás voltar?
> Quando é o Rei? Quando é a Hora?
>
> Quando virás a ser o Cristo
> De a quem morreu o falso Deus,
> E a despertar do mal que existo
> A Nova Terra e os Novos Céus?
>
> Quando virás, ó Encoberto,
> Sonho das eras português,
> Tornar-me mais que o sopro incerto
> De um grande anseio que Deus fez?
>
> Ah, quando quererás, voltando,
> Fazer minha esperança amor?
> Da névoa e da saudade quando?
> Quando, meu Sonho e meu Senhor?[33]

[32] MEDEIROS, Luísa. "Padre António Vieira". In: MARTINS, Fernando Cabral (coord.). *Dicionário de Fernando Pessoa e do modernismo português.* São Paulo, Leya, 2010, p. 894.

[33] PESSOA, Fernando. *Obra poética.* Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1973, pp. 20-21.

O direcionamento do poema anterior estabelece-se de António Vieira pata atingir todo o espaço entre o Tejo (material) e o Etéreo (espiritual). Nesse, por sua vez, escrito em primeira pessoa, o interlocutor pretendido é o próprio mito que Pessoa constrói – o Encoberto, o Senhor, o Sonho. E o lance dramático formulado dispõe-se em duas etapas: a primeira de introspecção, de constatações íntimas; e a segunda de interpelação, de questionamentos.

Percebe-se, na segunda estrofe, uma equiparação do "eu" desse poema com o *modus faciendi* de Vieira, pois o jesuíta faz surgir, no seu "espaço de meditar", a figura de D. Sebastião, ao passo que Pessoa enche e doura os seus dias a "sentir" e "pensar" a figura de seu Senhor. Numa aproximação das duas faces da estética pessoana, a emoção e a razão, o poema se apresenta como projeção a um não tempo, problematizando o seu desejo de esperança. Conforme Luísa Medeiros observa, a partir de apontamentos do poeta:

> Pessoa interpreta a vinda desse Desejado "no seu alto sentido simbólico", isto é, esse Vindouro não seria o esperado portador da mensagem do Além, nem a pessoa carnal do rei D. Sebastião, mas, sim, "qualquer coisa que ele representa". Talvez um guia, esse tal génio "prenúncio do estado futuro da humanidade" cuja mensagem figuraria o beijo ressuscitador das almas adormecidas e cuja voz as guiaria no caminho até ao sonhado Quinto Império ou Império Espiritual.[34]

A ressurreição de tal entidade como caminho para a ressurreição portuguesa dá-se, na visão alquímica de Fernando Pessoa, como um moto-contínuo, pois o poeta sonha e impulsiona o Encoberto que, por sua vez, resgata e anima o poeta, e assim a força se vai alternando e movendo. No caso do poema, as perguntas destinadas a esse tempo futuro ("Quando?") são pontuadas por elementos que denotam essa busca por uma sublimação que, embora destinada a toda a humanidade (como se propunha o Quinto Império), principia pela vontade de elevação do eu poético. Nas 3ª e 4ª estrofes, por exemplo, o interlocutor é adjetivado como aquele que se tornaria o "Cristo" verdadeiro, que despertaria "A Nova Terra e os Novos Céus" e que seria o "sonho das eras português", e cujas ações se dirigiriam ao próprio eu poético, afastando-o "do mal que existo" e tornando-o mais que "o sopro incerto / de um grande anseio que Deus fez".

Esse terceiro aviso, portanto, formula-se como revelação do poder demiúrgico do verbo e da vontade, pois a voz pessoana se mostra como uma invocação simbólica que busca criar o próprio salvador. Dessa forma, há uma alternância de movimentos, partindo de uma

[34] MEDEIROS, Luísa. "Padre António Vieira". In: MARTINS, Fernando Cabral (coord.). *Dicionário de Fernando Pessoa e do modernismo português.* São Paulo, Leya, 2010, p. 894.

ação interna emitida (Sonho) e retornando, apenas como intenção, como ação externa recebida (Senhor, o Encoberto), e essa perspectiva espraia-se por toda a *Mensagem*, com o símbolo mítico almejado se fundamenta como mola propulsora do futuro português. Pode-se dizer, então, que Fernando Pessoa se vai unindo ao Encoberto, num processo de ascensão, procurando esquivar-se de um sebastianismo oco e de imobilidade, como Eduardo Lourenço observa no texto "Sebastianismo: imagens e miragens":

> Esse D. Sebastião-Pessoa não anuncia mais que um império cultural sem imperialismo de culturas nem de verdades, mero espaço da absoluta liberdade de cultuar as múltiplas e inconciliáveis "verdades", que, na ausência definitiva de Deus, nos servem de simulacros plausíveis e implausíveis do verdadeiro. Assim, o que começou com um sonho de um império redivivo termina com Pessoa em império de sonho[35].

Na "profecia" desse império cultural, Pessoa irmana-se a António Vieira, mas, enquanto o jesuíta atrela-se às questões religiosas e políticas da época visando a defender o império português e sua ampliação para o Brasil, o poeta encontra na valoração do indivíduo e na vivência do passado a melhor forma de defender e elevar a Nação no futuro. Segundo Lourenço, *Mensagem* propõe-se a dispor "(...) a mitologia portuguesa no seu conjunto (...) que deve despertar da sua 'falsa morte', abandonar a sua pequena casa lusitana e fundir-se (...) num império que não possa morrer, o da 'guerra sem guerra', onde conheceremos, por fim, o nosso verdadeiro nome."[36]. Por essa razão que o nome inicial da obra seria *Portugal*, como forma de revelar o país e sua constituição para si mesmo – sob que alicerces se fundou, que forças o ampliaram e que sinais o impulsionarão.

Considerações finais

Após o percurso de ir e voltar que tanto António Vieira quanto Fernando Pessoa empreendem, um abarcando a Bíblia como espaço profético das concretizações portuguesas, outro vislumbrando na própria história de Portugal os símbolos encobertos sob os quais venceriam, é necessário apontar a convergência possível entre tão labirínticas obras como são *História do futuro* e *Mensagem.*

---

35 LOURENÇO, Eduardo. "Sebastianismo: imagens e miragens". In: *Portugal como Destino seguido de Mitologia da Saudade.* Lisboa, Gradiva, 1999, p. 142.

36 IDEM. "Portugal como Destino". In: *Portugal como Destino seguido de Mitologia da Saudade.* Lisboa, Gradiva, 1999, p. 142.

No discurso profético empreendido, da investigação indutiva arquitetada por Vieira e das alegorias em suspensão sugeridas por Pessoa, evidencia-se o labor contínuo para que o símbolo pretendido fosse apresentado e defendido como motivação final. A profecia, tendo de lidar com a contínua desconfiança de quem lê, deve amparar-se na persuasão e numa construção retórica sólida, pois, como aponta Maria Leonor Carvalhão Buescu, "profetizar não é (...) adivinhar. Provém da revelação e da interpretação correcta e 'iluminada' dos sinais"[37]. Por isso, Vieira se constitui como cartógrafo do destino português, que se ampara nos sinais (bíblicos, históricos e do Bandarra) para traçar a rota paradoxal da certeza na esperança. Da mesma forma, Pessoa intenta evocar, de múltiplos símbolos, a quintessência do mito português, compondo uma sinfonia de vozes (de Ulisses e Viriato a Nuno Álvares Pereira, do Infante ao Mostrengo, da antemanhã ao nevoeiro) que ilustra a origem e o destino de Portugal.

Com a fusão de *Zachor* e *Kadima*, os autores propõem, no nível do conteúdo, esse desprendimento de uma temporalidade linear e sucessiva, recorrendo à estratégia de unir todas as eras e almejar um além tempo. No nível da forma, eles se podem aproximar, conforme aponta Luísa Medeiros, porque ambos trazem na escrita preocupações "(...) com a exactidão e concisão da palavra; com o rigor e propriedade do vocabulário; com a exploração dos possíveis da língua; com o equilíbrio arquitectónico do discurso e, sobretudo, com o fazer da sua obra não o simulacro deste mundo, mas um mundo possível emanado do poder do seu verbo."[38]. Ou seja, tanto Vieira, quanto Pessoa tornam-se homens de ação pela palavra, em que se equivalem os verbos "dizer" e "fazer". Os mundos projetados em seus discursos adquirem tamanha significação que se constituem, praticamente, em entidades autônomas. O mundo vieiriano, caudaloso e em catedral, exerce a influência de montar as bases do Quinto Império, ao passo que a projeção pessoana, firmada em pedras de sonho, é um contínuo incentivo de que "falta cumprir-se Portugal!". E a ação de ambos reside precisamente na reverberação desses avisos ao leitor, de modo que a palavra produzida carregue consigo a compreensão, a força e o desejo de ampliar-se para além de si mesmo.

37 BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. "Introdução". In: VIEIRA, António. *História do futuro*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982, p. 19.

38 MEDEIROS, Luísa. "Padre António Vieira". In: MARTINS, Fernando Cabral (coord.). *Dicionário de Fernando Pessoa e do modernismo português.* São Paulo, Leya, 2010, p. 896.